

Uma Criação Dramatúrgica Sensível: A Construção Fictícia Baseada nos Estudos de Recepção e História Cultural

Orientador: Dr. CLÓVIS DIAS MASSA
Bolsista CNPq - PIBIC: CARINA CORÁ

OBJETIVOS:

O estudo aqui apresentado tem como proposta a utilização da história oral como fonte para criação dramatúrgica. A oralidade está presente nas entrevistas com espectadores em Porto Alegre realizadas desde 2009. A pesquisa visa à construção dramatúrgica através do resgate das sensibilidades de uma história escoada e de uma memória passada.

JUSTIFICATIVA:

As sensibilidades, conceito apresentado pela historiadora da cultura Sandra Pesavento, são uma forma de apreensão do mundo para além do conhecimento científico, a tradução da experiência humana que brota dos sentidos. Trabalha-se, dessa forma, com fatos históricos e sociais de um outro tempo em Porto Alegre através de documentos, e com o individual de cada espectador por meio da oralidade das entrevistas de áudio e vídeo. Resgatar a sensibilidade do passado requer uma construção fictícia, e esta se dá aqui com uma diferença crucial para a história cultural: a não busca pela verdade histórica.

METODOLOGIA:

Apropriando-se de textos sobre recepção teatral, traçaram-se paralelos com estudos de história cultural para retratar os indivíduos dos relatos, com a intenção de criar uma dramaturgia que abranja as teorias de estudo da memória para melhor compreensão do período e de seus sujeitos.

Os relatos sugeriram imagens que levaram à transcrição, ferramenta da história oral, para se ler os depoimentos e transformá-los através da percepção individual do escritor em fragmentos textuais. A partir desse esboço dramatúrgico, criaram-se quatro personagens. Tecendo conexões entre os mesmos, escreveu-se o esqueleto de uma dramaturgia.

A primeira experiência dramatúrgica apresenta já uma sensibilidade dos anos 90 por meio da doença e da morte que perpassam essa década: ela inicia-se no nascimento de uma criança ou de uma era, e se encerra na morte por AIDS de uma das personagens. Além do mais, a depressão está presente na busca das personagens pelo que nem elas mesmas conseguem identificar o que seria - o desconhecido. A seguir, criou-se um novo fragmento textual no qual a sensibilidade da época se reflete na mudança. O texto foi experimentado por atores e recriado a partir de improvisações.

Quadro de Análise de Entrevistas

Entrevistado	Expressões Recorrentes	Pausas	Expressão Vocal	Expressão Corporal	Auto Imagem
Sujeito 1	"Assim", "Né", "Claro", "Na verdade", "Ah" Interrupção e incompletude de orações.	Linguagem repleta de reticências até mesmo pela interrupção de tentativas de rememoração.	Linguagem cantada, acentuando o final das frases, geralmente finalizadas com "né", ou "assim"	Dedo indicador acima da boca, olhos para cima. Em assuntos mais delicados, mudança de postura e da posição das pernas.	Homem de teatro cercado de juventude.
Sujeito 2	"Dai", "Que eu acho assim ó", repetição de algumas orações.	Pausas curtas, algumas orações confusas.	Fala cantada, acentuando erros, alguns de concordância nominal. Aumento da voz em momentos mais delicados.	Mexe constantemente as mãos, leva as mãos à boca, faz movimentos com os dedos sobre a mesa como se ilustrasse o que fala.	Artista, sua prioridade é o trabalho.

Trecho de Cena Criada

Num lado da cena, uma sala de escritório. Dois amigos-sócios recolhendo seus pertences após o fechamento da firma. No outro, um apartamento pequeno. Um casal em situação de despejo faz as malas. Sobre a mesa, um envelope.
Amigo - Só três anos.
Amigo 2 - Que eu acho assim ó, a firma não tinha como ir pra frente.
Homem - A gente só ia se prejudicar ficando aqui.
Mulher - Mas esse lugar tem nossa história.
Homem - As noites em claro, né. Os vizinhos reclamando, assim, que nem loucos.
Amigo - Tá essa coisa maluca agora que entrou o Collor.
Amigo 2 - 50 mil cruzeiros.
Mulher - 50 reais.
Homem - Dependendo do que tiver no envelope, a gente termina a década com 50 pra sustentar uma família.
Mulher - Não me fala do envelope.
Amigo - Falei com as firmas semana passada, estão cortando todos os gastos.
Amigo 2 - E quem iria querer um brinde de arte numa hora dessas?
Homem - E quem iria querer um filho numa hora dessas?

RESULTADOS PARCIAIS:

Mesclando as percepções da pesquisadora com as percepções dos sujeitos entrevistados, obtêm-se diversas temporalidades e horizontes de expectativas em um trabalho que busca a transcrição de um outro tempo e de um outro no tempo, sendo esse outro o acontecimento teatral e seus espectadores. A história oral também está presente na análise dos relatos em relação não somente ao conteúdo, mas às expressões vocais e gestuais. O estudo da memória por Paul Ricœur e Sandra Pesavento permeia a interpretação e a própria forma na construção textual. A aproximação com a outra Porto Alegre e com seus espectadores torna-se cada vez mais eminente no estudo.

REFERÊNCIAS:

CANDIDA, Richard Smith. **Circuito de subjetividade**: história oral, o acervo e as artes. São Paulo: Letras e Voz, 2012.
MEIHY, José C. S. B.; Holanda, Fabíola. **História oral**: como fazer, como pensar. São Paulo: Contexto, 2007.
PESAVENTO, Sandra Jatahy. **Fronteiras do pensamento**: retratos de um mundo complexo. São Leopoldo: Ed. UNISINOS, 2008.
RICŒUR, Paul. **A memória, a história, o esquecimento**. Campinas: Editora da Unicamp, 2007.
SÁNCHEZ, José A.. *Memória de todos os lados*. In: ISAACSSON, Marta; MASSA, Clóvis; SILVA, Suzane Weber da; SPRITZER, Mirna. (Org.) **Tempos de memória**: vestígios, ressonâncias e mutações. Porto Alegre: ABRACE, 2013.